

A IDENTIFICAÇÃO DO SIMBOLISMO EM CECÍLIA MEIRELES. Aline Taís Cara, Guacira Marcondes Machado Leite – Letras – Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

O Simbolismo é um movimento que vingou na França, e espalhou-se pela Europa, Ásia e América no século XX. Tem seu marco com a publicação de *Les Fleurs du Mal*, de Baudelaire. Essa obra provocou grande escândalo na época, pois rompeu com temas considerados tabus e buscou criar uma nova poesia.

O Simbolismo cultiva o mistério, o vago, o indizível, o sonho, o invisível, e a missão do poeta é decifrar; o movimento traz mais liberdade, instaura um novo tipo de poesia, dotada de relevante musicalidade, e influencia vários nomes, entre eles o de Cecília Meireles.

Os simbolistas situam-se em “torres de marfim”, à margem da sociedade, pois não encontram nela o seu lugar; chegam a ser chamados de nefelibatas. Eles não dizem, sugerem. Tudo é envolto numa nebulosidade de vaguidão e imprecisão. E por valorizar a subjetividade, os poetas do Simbolismo sonhavam elevar a poesia à condição de música, que é a mais subjetiva das artes. O poeta deve ser um vidente, ter o dom de captar os segredos escondidos em meio aos símbolos.

O Simbolismo foi um vento de liberdade rompendo com a tradição vigente. Teve a música como grande influência e aliada, sendo Wagner o nome de maior relevância, por sua descoberta de novas combinações de comunicação artística. Os românticos tiveram também considerável influência no movimento, sobretudo Edgar Allan Poe.

No Brasil, o principal representante do movimento simbolista é Cruz e Sousa. A publicação de seus livros *Broquéis* e *Missal* marca o início do Simbolismo brasileiro, em 1893, perdurando até o Modernismo instaurado na Semana de Arte Moderna. Entretanto, após a morte do poeta, em 1898, o movimento perde sua homogeneidade; surgem, pois, grupos neo-simbolistas, como o envolvido com a revista *Festa*, do qual participava a poetisa Cecília Meireles.

Cecília nasceu em 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro. É uma das principais figuras da corrente intitulada espiritualista ou totalista. Os totalistas postulavam a velocidade, a totalidade, a brasilidade e a universalidade. Cada poeta ligado ao totalismo apresentava características pessoais em seus poemas. É um grupo apegado à tradição brasileira e ao Simbolismo; uma outra face do Modernismo.

Cecília publicou seu primeiro livro *Espectros* em 1919, aos 18 anos de idade. Ainda em sua fase inicial publicou *Nunca Mais...e Poemas dos Poemas e Baladas para El-Rei*. Escreveu também prosas, traduções, antologias, etc. Em sua obra poética encontram-se temas recorrentes como a fugacidade do tempo e o sentimento da morte (pelo fato de ter perdido seus entes queridos muito cedo), conflitos entre o pessimismo e o otimismo, traços de natureza barroca, melancolia, indiferença, impressionismo, transitoriedade de tudo, lirismo espiritualizado, controle do vocabulário poético e originalidade das imagens. E a influência de autores do Simbolismo como Maeterlinck, Verlaine, Antônio Nobre e Cruz e Sousa em seus escritos é muito forte, principalmente nas primeiras obras da poeta.

E é a isso que estas linhas se destinam, identificar os pontos de contato entre o Simbolismo e a poesia de Cecília Meireles. Contudo, o intuito não é abordar as obras iniciais, nas quais as características simbolistas são mais nítidas. Esse trabalho pretende analisar o livro *Mar Absoluto* de 1945, um livro posterior à fase inicial de Cecília, para capturar do texto os elementos simbolistas que perpassaram e que perduraram nos poemas da autora em questão. Sabe-se que ela teve influência do movimento, mas o objetivo desse trabalho vai além de encontrar indícios do Simbolismo no livro *Mar Absoluto*; o que se pretende é analisar o que permaneceu e o porquê.

Para tal fim, foi necessário um estudo a respeito do movimento simbolista, suas principais obras e ícones, um levantamento para conhecer melhor os ideais do movimento, o que ele desencadeou, como se manteve e quem foram os autores mais relevantes e por quê. Em seguida, foi preciso iniciar uma pesquisa sobre a vida e obra de Cecília Meireles para conhecer a autora, suas escolhas, seus anseios. É pertinente, ainda, um estudo sobre teoria da poesia, a fim de embasar as análises subsequentes.

Tome-se, pois, como exemplo, o poema “Cavalgada”.

*Escuta o galope certo dos dias
Saltando as roxas barreiras da aurora.*

*Já passaram azuis e brancos:
Cinzentos, negros, dourados passaram.*

*Nós, entretidos pela terra,
Não levantamos quase nunca os olhos.*

*E eles iam de estrela a estrela,
Asas, crinas e caudas agitando.*

*Todos belos, e alguns sinistros,
Com centelhas de sangue pelos cascos.*

*Se alguém lhes suplicasse: “Parem!”
– não parariam – que invisível látigo*

*ao flanco impôs-lhes ritmo certo.
Se por acaso alguém dissesse: “Voem!*

*Mais depressa e para mais longe!”
– veria o que é, no céu, a voz humana...*

*escuta o galope sem pausa
da cavalgada que vai para oeste.*

*Não suspires pelo que existe
nesses caminhos do sol e da lua.*

*Semeia, colhe, perde, canta,
que a cavalgada leva seu destino.*

*Ferraduras ígneas virão
procurar onde estás, na hora que é tua.*

*Entre essas patas de aço e nuvem,
estão presos teus campos e teus mares.*

*Irás ao céu num selim de ouro,
sem saberes quem pôs teu pé no estribo.*

*Rodará entre a poeira e Sírius,
com esses ginetes sem voz e sem sono,*

*até vir o mais poderoso
que esmague a rosa guardada em teu peito.*

*Depois, continuarão saltando, mas tão longe
que não perturbarão tuas pálpebras soterradas.*

Neste poema, como em muitos outros, Cecília faz uso da palavra nuvem, mostrando a que se deve seu epíteto de pastora de nuvens. A fugacidade do tempo vem em forma de advertência, já que há o galope certo dos dias; a passagem do tempo é certa e inevitável:

Escuta o galope certo dos dias

É possível encontrar também um ritmo marcado, uma musicalidade tipicamente simbolista. Esse ritmo simboliza o galope, proporcionado pelas estrofes curtas de dois versos cada.

São influências simbolistas a presença do cromatismo (uso de diversas cores, cada qual com seu significado), a intensificação das imagens e a simbologia. Com relação ao cromatismo, estão presentes no poema as cores mais usadas no Simbolismo que são o branco e o dourado. Além disso, as cores estão em contraposição entre si, simbolizando um embate de otimismo e pessimismo (este último muito abordado no movimento simbolista); note-se: o azul, o branco, o dourado, em oposição ao cinzento, o negro:

*Já passaram azuis e brancos:
Cinzentos, negros, dourados passaram.*

As imagens fazem o leitor visualizar, simbolicamente, a passagem implacável do tempo, seu galope.

*Se alguém lhes suplicasse: “Parem!”
– não parariam – que invisível látigo
ao flanco impôs-lhes ritmo certo.*

A presença do verso “*Nós, entretidos pela terra,*” e o uso de elementos como o sol, a lua, as estrelas simbolizam o sonho do eu-lírico, sonho este que remete ao Simbolismo. O uso do divino e da morte é resquício simbolista: os cavalos do tempo, movidos por força divina, vão para o oeste, ou seja, para a morte:

*escuta o galope sem pausa
da cavalgada que vai para oeste.*

O leste é onde o sol nasce, e o oeste é onde ele se põe. Por isso, o leste simboliza a vida e o oeste a morte. Toda a vida começa no leste; os países orientais estão um dia à frente dos ocidentais, pois enquanto em um país do Ocidente é noite do dia cinco, no Oriente já é manhã do dia seis.

E nunca se saberá qual será a hora da morte, o momento de se encontrar o destino, a morte, como diz a poeta nos seguintes versos:

*Irás ao céu num selim de ouro,
sem saberes quem pôs teu pé no estribo.*

*Rodará entre a poeira e Sírius,
com esses ginetes sem voz e sem sono,*

*até vir o mais poderoso
que esmague a rosa guardada em teu peito.*

*Depois, continuarão saltando, mas tão longe
que não perturbarão tuas pálpebras soterradas.*

Por isso é necessário semear, colher, perder e cantar notas que aliviem, enquanto o tempo caminha irreversível:

*Não suspires pelo que existe
nesses caminhos do sol e da lua.*

Semeia, colhe, perde, canta,

que a cavalgada leva seu destino.

*Ferraduras ígneas virão
procurar onde estás, na hora que é tua.*

Bibliografia

AZEVEDO FILHO, L. **Poesia e estilo de Cecília Meireles: a pastora de nuvens.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

BALAKIAN, A. **O Simbolismo.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

BALAKIAN, Anna. **O Simbolismo.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

CANDIDO, A. **Na sala de aula: caderno de análise literária.** 3 ed. São Paulo: Ática, 1989.

CAVALIERI, R. V. **Cecília Meireles: o ser e o tempo na imagem refletida.** Rio de Janeiro: achimé, 1984.

GOMES, A. C. **O Simbolismo.** São Paulo: Ática, 1994.

GOMES, Álvaro Cardoso. **O Simbolismo.** São Paulo: Ática, 1994.

HUYSMANS, J.K. **Às Avestas.** Tradução e estudo crítico de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HUYSMANS, J.K. **Às Avestas.** Tradução e estudo crítico de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MARTINO, P. **Parnasse et Symbolisme.** 11 ed. Paris, Armand Colin, 1925.

MOISÉS, M. **O Simbolismo.** 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

PEYRE, H. **A Literatura Simbolista.** São Paulo: Cultrix: Universidade de São Paulo, 1983.

PEYRE, Henri. **A Literatura Simbolista.** São Paulo: Cultrix: Universidade de São Paulo, 1983.

TELES, G. M. A “Belle Époque”. In: **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972.** 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

WILSON, E. O Simbolismo. In: **O Castelo de Axel: estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930.** Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1967.

WILSON, Edmund. O Simbolismo. In: **O Castelo de Axel: estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930.** Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1967.

Bolsa: PET